

# LISTAS E SUAS RELAÇÕES COM A LITERATURA

## LISTS AND THEIR RELATIONSHIP WITH LITERATURE

**Arnon Tragino\***

\* arnon.tragino@gmail.com

Mestre e doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (Vitória - ES). Professor da Secretaria de Estado da Educação do Espírito Santo e, também, do Instituto Federal do Espírito Santo.

**RESUMO:** O artigo sistematiza, por meio de uma revisão bibliográfica, a relação entre o gênero textual lista e a literatura em dois eixos temáticos: a presença de listagens em textos literários e listas como um método de organização para reunir obras e autores. Tais perspectivas partem principalmente da noção de lista literária, de Belknap (2000, 2004), dos conjuntos elencados e explicados por Eco (2010, 2013a) e dos exemplos selecionados por Usher (2016), como formas que condensam a proximidade mencionada. Sob influência desse contato, visto também na escrita, no alfabeto, no dicionário e na enciclopédia, o trabalho discute ainda sobre a questão da leitura literária pela ótica de Maciel (2009) e de Sá (2020), quanto à possibilidade de se identificarem listas na literatura tanto para a interpretação de um texto quanto para seguir uma ordem de leitura.

**PALAVRAS-CHAVE:** listas; seleção de livros; livros e leitura na literatura.

**ABSTRACT:** The paper systematizes, through a bibliographic review, the relationship between the textual list genre and literature in two thematic axes: the attendance of listing in literary texts and lists as an organization method to collect literary works and authors. Such perspectives start mainly from the notion of literary list, by Belknap (2000, 2004), from the groups cataloged and explained by Eco (2010, 2013a) and from the selected examples by Usher (2016), as forms that condense the mentioned proximity. Under influence of this contact, seen likewise in writing, in the alphabet, in the dictionary and in the encyclopedia, the paper also discusses the issue of literary reading from Maciel (2009) and Sá (2020) perspectives, with respect to the possibility of identifying literature lists for text interpretation as much as to follow an order of reading.

**KEYWORDS:** lists; selection of books; books and reading in literature.

O artigo sintetiza algumas ideias a respeito da relação das listas com a literatura. Para tanto, na estrutura de uma breve revisão bibliográfica, propomos a identificação de contatos elementares entre os dois objetos: como as listagens se aproximam e/ou se inserem em textos literários? Como a literatura se organiza por meio de listas? Essas serão as questões que guiarão nossos argumentos, delimitados pela reflexão em torno da noção de lista literária (BELKNAP, 2000, p. 35): gênero textual comumente topicalizado que se inscreve na literatura como um recurso do texto literário, de modo explícito na escrita ou na interpretação de um leitor, e como um modo de organizar obras e autores da literatura a partir de referências, catálogos, compêndios, antologias, etc. Apesar de certa distinção evidente entre um aspecto e outro, veremos que tanto em Belknap (2000, 2004) quanto em Eco (2010, 2013a) e também em Usher (2016), as semelhanças são constantemente mantidas. Antes do desenvolvimento desse ponto, porém, é fundamental trazer à exposição definições mais singulares sobre as listas, como sobre sua presença na escrita e no alfabeto, mas com maior ênfase no dicionário e na enciclopédia, formas que absorvem esse gênero e se constituem por ele, o que motiva por conseguinte o próprio ensino das listas. Assim, após o reconhecimento dessas interações, discutiremos sobre como a leitura literária é afetada pela lista, de maneira que será possível

rastrear principalmente as escolhas e as parcialidades na construção de objetos listados (estruturas linguísticas, personagens, livros, etc.) com base nos estudos de Maciel (2009) e Sá (2020)<sup>1</sup>.

Em conceitos dicionarizados, a palavra *lista* é definida como uma sequência de nomes para arrolar ou relacionar coisas (HOUAISS, 2010, p. 482). Já vemos, nesse contexto, que as listas se formam por proximidades, por algo a ser mantido. Mas a noção pode ser mais vertiginosa, como lembra Eco (2010, p. 7), tornando ramificada a sua identificação. A princípio, quatro critérios básicos de constituição podem produzir listas: a) pelo conjunto de duas coisas ou mais, ideia de Belknap (2000, p. 35) e Usher (2016, p. 14); b) textos escritos em tópicos, na divisão de itens por meio da vírgula, como pensa Belknap (2000, p. 35); c) um texto ou uma imagem, ficcional ou real, em que se podem reconhecer, por exemplo, descrições, características de uma cena, de um personagem, sequências de falas, de acontecimentos e de ações como listas, mas sendo o observador que enxerga isso como algo listado, o que nos leva à reflexão de que é possível listar tudo, gerando uma perspectiva infinita, noção que é trabalhada por Eco (2010, p. 48); d) uma proposta explícita de se criar uma lista quando um agrupamento de coisas é enumerado: um conjunto de leis, as obras de arte de um museu, tarefas a

1. Nesta parte o artigo complementa pontos estudados em Tragino (2020).

serem realizadas, objetos a serem comprados, catálogos, etc., nesse caso, na perspectiva de Usher (2016, p. 102, 146 e 208), existe um acordo entre o produtor e o observador para saber que aquilo de fato é uma lista, na identificação de uma regularidade das listas pela estrutura de tópicos.

Se colocarmos os quatro critérios dentro de questões da linguagem, por exemplo, a relação mais inicial que poderíamos fazer seria da lista com o processo de escrita. Belknap (2000, p. 41) aponta que a sequência de letras e palavras, textos em prosa e poesia, organizações linguísticas numa disposição horizontal ou vertical já formam listagens. O encadeamento da escrita, sua convenção simbólica e sua grafia indicam um padrão de combinações que se ajustam e se alinham (BELKNAP, 2000, p. 37). Mesmo que haja uma aleatoriedade, o observador ou o leitor poderia transformar essa escrita numa sequência, numa listagem, e também conferir a ela alguma ordem (ECO, 2010, p. 131). Goody (2012, p. 92-96) entende que nesse momento existem continuidades e descontinuidades que fixam uma dependência correlata entre a escrita e a constituição de listas, visto que a grafia é criada, organizada e difundida por seleções e combinações.

É muito significativo perceber, por exemplo, como o alfabeto se dispõe em forma de lista para possibilitar a

escrita. Fischer (2009, p. 14) traz vários exemplos de sistemas gráficos que fazem sequência de símbolos padronizados para, em um desenvolvimento posterior, se relacionarem com a fala quando a modificação de símbolos em signos aproxima essa fala de sua representação escrita (FISCHER, 2009, p. 33). A letra se tornou o principal instrumento para dar condição a esse processo, e, a partir do conjunto formado, a lista de letras do alfabeto ou de algum sistema de escrita passou a fornecer meios de combinação ou sequência para expressar e criar a linguagem escrita (FISCHER, 2009, p. 35-54).

O dicionário é outro exemplo de elaboração de listas, que mostra ir além de um estado organizacional de termos. Considine (2010, p. 11) explica que a atividade lexicográfica, a produção de dicionários, não se restringe a um conjunto de palavras compiladas em uma publicação, já que a criação de vocabulários parte de uma listagem para formatar um longo estudo bibliográfico. É o que esclarece Biderman (1984, p. 3) ao apresentar uma concisa história do campo: reuniões de palavras, mesmo com características normativas para estabelecer significados e seus usos mais comuns, fazem dos dicionários objetos de uma adaptação saliente para áreas do conhecimento, sobretudo quando sintetizam noções e facilitam a consulta. De acordo com a autora, o processo mostra uma perspectiva

moderna para se preparar tal livro, direcionando-o ao uso, uma vez que, dos glossários da antiguidade até os trabalhos etimológicos seiscentistas, pouco se alterava na atualização de significados, fazendo das publicações desse gênero cópias umas das outras (BIDERMAN, 1984, p. 2), ou seja, eram listas repetitivas.

Birderman (1984, p. 11) exemplifica essa mudança de paradigma com o *Thesaurus of English Words and Phrases*, de Peter Mark Roget – lexicógrafo britânico que copilou palavras da língua inglesa no século XIX. Precursor do dicionário analógico, os termos no *Thesaurus* são organizados por relações discursivas e socioculturais, e não por definições isoladas. O aperfeiçoamento do método, nesse caso, se deu pela rápida apreensão de expressões de um determinado campo. Joshua Kendall (2008, p. 20), biógrafo de Roget, inclusive o nomeia como *The man who made lists* (título da biografia), por ter unido a relação analógica das palavras com formas de listagem em um mesmo trabalho. No texto de Birderman (1984), porém, não vemos menção a Francisco Ferreira dos Santos Azevedo, gramático brasileiro que publicou dois trabalhos com base em Roget já no século XX: *Thesaurus Essencial. Dicionário analógico* (2013) e *Dicionário analógico da Língua Portuguesa: ideias afins/Thesaurus* (2016). As ideias de Azevedo (2013, 2016) são explicadas por Faulstich e Oliveira (2007, p. 6-8): o

pioneirismo do autor ao publicar em português essa nova perspectiva lexicográfica demonstra e dá continuidade ao funcionamento das sequências comparativas listadas por Roget, pois recupera rápido a informação, não deixando o sentido das palavras com um aspecto uno como um dicionário convencional faria em ordem alfabética.

Mas ainda mantendo essa estrutura, Eco (2013b, p. 25) defende que o rol de significados do dicionário traz mais um uso lógico da palavra do que uma classificação com noções abrangentes, o que instaura um sistema de ausências que toda lista também possui quando escolhas são feitas. O autor atesta que as ausências dos dicionários são propositais para que se evite ampliar o livro na dimensão de uma enciclopédia, expandindo a listagem para além de sua organização:

O dicionário se dissolve necessariamente, por força interna, numa galáxia potencialmente desordenada e ilimitada de elementos de conhecimento do mundo. Portanto se torna uma enciclopédia e se torna isso porque de fato era uma enciclopédia que se ignorava, ou um artifício cogitado para mascarar a inevitabilidade da enciclopédia (ECO, 2013b, p. 27-28).

Apesar de faltar ao dicionário mais palavras para descrever ou classificar o mundo, os trabalhos elaborados

como enciclopédias trariam então um maior volume de elementos classificados, assim como aumentariam a possibilidade de listagens. Mas as listas produzidas por essas obras parecem ter sido sempre pouco amigáveis ao leitor:

Durante muito tempo o enciclopedista usou o índice como instrumento de trabalho que no fundo *não* devia interessar ao leitor, ao qual serviam no entanto as informações enciclopédicas – isto é, o enciclopedista se preocupava com o *lugar* onde pôr o crocodilo, mas em princípio considerava que seu leitor se interessaria apenas pelas propriedades empíricas, não por seu lugar numa classificação. Entretanto esta perspectiva mudou pouco a pouco com as muitas enciclopédias modernas, cujo fim primário era justamente um modelo de organização do saber. Mas por muito tempo o “plano” de uma enciclopédia não constituiu objeto de reflexão ou comentário metaenciclopédico. Para o leitor, a enciclopédia se apresentava mais como “mapa” de territórios diversos, cujos confins eram frequentemente quebradiços e imprecisos. De modo que se tinha a impressão de mover-se através dela como em um labirinto que permitisse tomar direções sempre distintas, sem que houvesse a obrigação de seguir um percurso do geral para o particular (ECO, 2013b, p. 36, destaque do autor).

É evidente que o autor não utiliza a palavra “lista”, mas recorre a termos aproximados como “índice”,

“classificação”, “plano” e “mapa” para comentar a produção de saber e sua organização listada, o que faz supor uma herança infeliz da lista até hoje talvez como algo que não compõe o saber, mas sendo apenas um meio que dá acesso a ele.

Assim como Eco (2013b) menciona que há uma mudança de foco nas enciclopédias modernas para explicar seus modos de listagem aos leitores, Burke (2012, p. 218) confirma que o atual contato entre as partes é inevitável, pois o próprio leitor intervém na fonte, nos recursos da informação e na lista ou no índice presente. É o caso da Wikipédia, cujos colaboradores dos verbetes agrupam uma grande diversidade de dados *online*. A edição, a consulta e a revisão são feitas em qualquer lugar ou momento, e por qualquer um que acesse a *internet*, acelerando a troca de conhecimento numa velocidade muito superior às atualizações de uma enciclopédia física. Porém, os riscos consequentes disso vão desde o amadorismo em páginas sobre conceitos sem evidências científicas, até a criação de notícias falsas, as *fake news* (DALMAZO, VALENTE, 2018, p. 157). Burke (2012) acredita que o acesso a essa enciclopédia, e às listas de informação que dela são produzidas, tem valor social positivo contanto que haja uma reflexão a respeito do seu controle de qualidade:

A Wikipédia oferece um exemplo claro de outra tendência recente importante – a reflexividade. As discussões sobre a sociedade do conhecimento ressaltam “o aumento da capacidade da sociedade para agir sobre si mesma”, a constante “revisão de práticas sociais à luz do conhecimento sobre essas práticas”. “O que é específico no modo de desenvolvimento informacional é a ação do conhecimento sobre o próprio conhecimento como a principal fonte de produtividade” (BURKE, 2012, p. 219).<sup>2</sup>

Observando então que a escrita, o alfabeto, o dicionário e a enciclopédia possuem lacunas que se relacionam às seleções constituidoras das listagens, é necessário refletir acerca das listas como gênero textual, como caminho resultante do contato entre essas quatro unidades de texto. Ao abordar os gêneros pelos seus suportes, Marcuschi (2008, p. 145-225) entende que os primeiros são listagens abertas e agem como formas textuais empíricas e estáveis, histórica e socialmente situadas, que apresentam padrões sociocomunicativos concretos como entidades (MARCUSCHI, 2008, p. 155), ou seja, formas moduláveis para construir textos. Além disso, o autor justifica, em especial quando trata da leitura, que há uma interdependência no fato de o gênero sempre necessitar do suporte para se materializar (MARCUSCHI, 2008, p.174). É possível expandir a ideia para a noção de lista, uma vez que

Marcuschi (2008, p. 155) define os gêneros desse modo e dá exemplos para as listagens de alguns suportes: a lista de um catálogo, a lista de um quadro de avisos, a lista de uma receita, a lista de um bloco de notas, etc. – textos que possuem uma vida útil efêmera no cotidiano. O autor não elabora uma teoria específica para o gênero “lista”, mas comprova por outro viés como ela se presentifica de vários modos, incluindo o ambiente em que há grandes conjuntos de textos como bibliotecas, livrarias, editoras, etc. (MARCUSCHI, 2008, p. 178-186).

O ensino do gênero é outro exemplo que torna sua manifestação mais palpável para além do contato com outros textos. Vemos em Signorini (2006, p. 7-10) a demonstração de que gêneros catalisadores produzidos por professores e alunos – que estimulam ou dinamizam um processo: bilhetes, cartas, relatos, autoavaliações, notas, sequências didáticas, etc. – formam listas. Nesse meio, listas de discussão – um gênero digital usado em fóruns da *internet* para debates –, estudadas por Costa e Rocha (2008), são organizadas em tópicos para facilitar a visualização de temas e argumentos, assim como reúnem discussões de modo a catalisar um discurso. Já nas séries iniciais, por exemplo, Silva e Faganello (2016) sugerem três sequências didáticas para o ensino da lista como um gênero instrutivo, uma forma de escrita que torna fácil o

2. Nos trechos com aspas, Burke (2012) cita McNamara (2001).

que se quer comunicar: a topicalização e a segmentação se mostram como elementos que mais rapidamente se apreendem ou que melhor visualmente se dispõem na leitura, como um recurso ágil para a identificação de itens.

A lista pode ser associada, então, aos processos elementares de construção e organização da linguagem em que há sequências de palavras e sentidos. A topicalização, a identificação e a classificação resultam em conjuntos que sistematizam o conhecimento, e que também afetam a forma listada em relação a como ele se difunde, desde o alfabeto até o ensino do gênero. A definição de lista, como comentamos no início, demonstra que sua fisionomia é incorporada já em noções básicas: se nomes em série podem se desenvolver em estruturas dicionariais e enciclopédicas, por exemplo, então os conteúdos dessas mesmas estruturas podem ser sintetizados em listagens. No entanto, é discutível nesse processo um aspecto de valor, se pensarmos que uma lista de palavras não teria equivalência a um dicionário. Por outro lado, é notório o acesso que ela pode dar ao dicionário, do mesmo modo que um leitor pode selecionar nesse contexto palavras para seu próprio uso.

Depois de apresentados os aspectos mais elementares sobre o conceito de lista e explicadas algumas de suas

relações com as formas que sistematizam a linguagem, mostraremos agora as teorias de alguns pesquisadores sobre listas em geral e listas literárias. O foco é entender a transição que começa em construções mais simples, como a organização de coleções ou itens, e depois chega à criação de listas pela literatura e à recomendação de muitos livros e autores.

No capítulo “Desempacotando minha biblioteca: um discurso sobre o colecionador”, de *Rua de mão única*, Walter Benjamin (1987) realiza uma síntese sobre o colecionador e sua biblioteca. As organizações de livros em estantes trariam algum ar monótono por deixar o leitor ciente e seguro do local das obras, ao mesmo tempo em que a falta de desordem mostra uma acomodação com aquilo que foi colecionado (BENJAMIN, 1987, p. 227-228). As expectativas diante desse arranjo movem a paixão do colecionador após a aquisição do objeto, e sua conseguinte inserção na coleção, no inventário ou na listagem que o acompanha. Já na sua obra *Passagens*, no capítulo “O colecionador” – quase um ensaio em fragmentos sobre o ato de colecionar – o autor faz longas listas sobre coleções a partir do que enxerga em uma região com lojas de antiguidades em Paris. Nas descrições do texto, Benjamin (2009) usa a expressão “tábua de salvação” para ilustrar a lista que emerge desses conjuntos, dado que os objetos colecionáveis se

tornam itens enciclopédicos e uma herança do contexto de onde vieram (BENJAMIN, 2009, p. 239).

Em *As palavras e as coisas*, Michel Foucault (1999) dá continuidade à reflexão sobre coleções e conjuntos quando discorre no capítulo “V. Classificar” acerca do processo de organização das Ciências Humanas. Para o autor, a divisão da ciência em estudos específicos a partir do século XVIII ampliou o processo de classificação, e aproximou as “coisas” por relações de semelhança ou as afastou por suas diferenças, especialmente na história natural (FOUCAULT, 1999, p. 171-181). O autor inclui as coleções, os inventários e as bibliotecas naquilo que chama de “estrutura”, ou seja, na classificação estabelecida (FOUCAULT, 1999, p. 181-190), entendendo que há alguma forma de paridade entre coleções e classificações com as listagens que são construídas para formatar tais estruturas.

Benjamin (2009, 1987) e Foucault (1999) promoveram reflexões que iniciaram alguma discussão a respeito das listas. Porém, o primeiro autor a usar o termo lista para sistematizar mais consistentemente o conceito foi Jack Goody (2012) em *A domesticação da mente selvagem*. No capítulo 5, “O que é que uma lista contém?”, o antropólogo desenvolve noções sobre a lista a partir do uso da escrita. Surgida em civilizações sumérias, era um tipo de

texto contábil para organizar elementos da agricultura e do comércio (GOODY, 2012, p. 92-93). O autor expande os argumentos buscando entender a lista no meio de uma transformação cognitiva que não foi feita apenas no cumprimento de uma função pragmática, mas que construiu o próprio pensamento por continuidades e descontinuidades entre objetos. Assim, Goody (2012) explica que a produção de listas acontece principalmente quando algo é escrito e lido, ou concomitantemente ao aprendizado dessas duas práticas, como processos que são mantidos em sociedades letradas:

A escrita, a elaboração de listas, envolve recodificação linguística. [...] Eu argumentaria que a representação gráfica da fala (ou de comportamento não verbal, embora isso seja de uma significância mais limitada) é um instrumento, um amplificador, um aparato facilitador de extrema importância. [...] Ela não só permite a reclassificação da informação por aqueles que sabem escrever, e legitima essas reformulações para aqueles que sabem ler, mas ela também muda a natureza das representações do mundo (processos cognitivos) para aqueles que não o sabem, sejam eles o elemento que não lê em sociedades com a escrita (uma categoria muito ampla durante os cinco mil anos da experiência escrita) ou a população (normalmente crianças) que ainda não chegaram ao momento em que sabem

ler, ou porque ainda não têm a habilidade ou porque ainda não tiveram a oportunidade (GOODY, 2012, p. 121).

A reflexão sobre a leitura como outro meio pelo qual as listagens se propagam, em acréscimo à escrita, é ilustrada de modo sintético por David Lodge (2017) no décimo terceiro capítulo de *A arte da ficção*. O autor defende a ideia de que produções ficcionais – como a literatura –, ao manterem seus vínculos constitutivos com a e pela escrita, fornecem ao leitor muitas possibilidades de listagens pelo uso de descrições ou expressões específicas, seja em uma lista de tarefas que são ditas por um personagem numa cena teatral, seja em uma lista de compras de uma turista inglesa em Paris num romance de Fitzgerald, ou também quando um poeta elenca traços de uma mulher; para o autor, as listas na literatura atraem tudo, e o leitor se atrai por todas as listas (LODGE, 2017, p. 70-74).

Ainda que Lodge (2017) tenha esboçado apenas uma noção da lista como um recurso da escrita que pode ser recuperado durante a leitura, Robert Belknap (2000, 2004) construiu de modo efetivo uma teoria sobre listas presentes na literatura, demarcando um outro momento acerca dos estudos das listagens. Em suas obras: “The Literary List: A Survey of its Uses and Deployments”, de 2000, e *The List – The Uses and Pleasures of Cataloguing*, de

2004, o pesquisador se propôs a teorizar como as listas se manifestam nas obras literárias, e cunhou para isso a expressão *literary list*, a lista literária, que é designada por sua inscrição na literatura, ou por relacionar-se com esta. Diferentemente de Goody (2012), que tratou a lista como um elemento sistematizador da linguagem, Belknap restringiu seus estudos à literatura, sendo portanto o primeiro a teorizar sobre este objeto dessa forma:

Because of its generative qualities – its capacity to spark ever more connections and inclusions, in a multiplicity of forms – the list is one device that writers have employed to display the pleasurable infinitude of language. [...] At its most simple, a list is a framework that holds separate and disparate items together. More specifically, it is a formally organized block of information that is composed of a set of members. It is a plastic, flexible structure in which an array of constituent units coheres with specific relations generated by specific forces of attraction. Generally such structures may be built to appear random, or they may be organized by some overt principle (BELKNAP, 2000, p. 35).<sup>3</sup>

[...] we can savor the many lists that appear in the world’s literatures, those that I call in this book *literary lists*. They are the ones that are set apart from pragmatic lists, [and they are] preserved by marked artistic endeavor, even if they may not

3. “Por causa de suas qualidades gerativas – sua capacidade de gerar ainda mais conexões e inclusões, numa multiplicidade de formas – a lista é um dispositivo que os escritores empregam para mostrar a prazerosa infinitude da linguagem. [...] Na sua forma mais simples, uma lista é um quadro que contém itens separados e diferentes juntos. Mais especificamente, é um bloco formalmente organizado de informações que compõe um conjunto de membros. É uma estrutura flexível e plástica na qual uma matriz de unidades constituintes forma coerência com relações específicas geradas por forças de atração. Geralmente tais estruturas podem ser construídas para serem aleatórias, ou podem ser organizadas por algum princípio evidente” (tradução nossa).

appear to be. Literary lists afford us particular attractions and pleasures. The rhythm of the repetition interrupts the forward drive of the text, and for a moment we are invited to dance (BELKNAP, 2004, p. xiii, destaque nosso).<sup>4</sup>

Mesmo que os textos de Belknap (2000; 2004) tracem distinções entre lista literária e lista pragmática, seus pensamentos geram um questionamento sobre o grau de ficcionalidade que as listagens podem ter quando são identificadas pelo leitor, ou quando um elemento escrito evidencia alguma sequência – como se necessitasse de um complemento, ou estivesse em construção tanto na literatura quanto no cotidiano. Para o autor, esses momentos de contato são atravessados também pelo hibridismo da lista e pelo caráter multifacetado próprio do gênero que constitui e se aproxima de outros gêneros, como vimos em Marcuschi (2008). A lista, então, possui uma referencialidade explícita, ficcional e/ou pragmática para indicar itens (BELKNAP, 2000, p. 41). E com isso podemos perceber uma lista contida em um texto literário, formando um recurso estilístico, e tendo variações múltiplas e plásticas que são discerníveis na leitura (BELKNAP, 2000, p. 40).

Umberto Eco (2010), após as incursões teóricas de Belknap (2000, 2004), também realizou mais um embasamento para o estudo das listas, constituindo um outro

braço teórico para o campo. Em *A vertigem das listas*, o autor analisa como as listas surgiram e se estabeleceram na arte e na literatura:

Frente a alguma coisa imensa ou desconhecida, sobre a qual ainda não se sabe o suficiente ou não se saberá jamais, o autor nos diz que não é capaz de dizer e, diante disso, propõe um elenco abundante como amostra, deixando ao leitor a tarefa de imaginar o resto (ECO, 2010, p. 49).

O temor de não conseguir dizer tudo não acontece apenas diante dos nomes, mas também diante de uma infinidade de coisas. A história da literatura está cheia de coleções obsessivas de objetos (ECO, 2010, p. 67).

Na medida em que uma lista caracteriza uma série, por desconforme que seja, de objetos pertencentes ao mesmo contexto ou vistos do mesmo ponto de vista [...], ela confere ordem – e, portanto, um toque de forma – a um conjunto que, sem isso, seria desordenado (ECO, 2010, p. 131).

Identificando uma origem para as listas a partir da *Iliada*, de Homero, principalmente no Canto II, em que se descreve a quantidade de navios gregos aportados em Troia, e no Canto XVIII, em que é possível ver a representação do escudo de Aquiles (ECO, 2010, p. 9-18), o autor

4. “[...] podemos saborear as muitas listas que aparecem nas literaturas do mundo, aquelas que chamo neste livro de *listas literárias*. Elas são as que se separam das listas pragmáticas, [e são] preservadas por um esforço artístico marcado, mesmo que não pareçam ser. As listas literárias nos proporcionam atrações e prazeres particulares. O ritmo da repetição interrompe o avanço do texto e, por um momento, somos convidados a dançar” (tradução nossa; destaque nosso).

também tem como proposta a percepção da lista como um recurso textual no momento em que a descrição de algo se amplia para além da visão do leitor dentro ou fora de um texto literário, numa coleção, numa ordem de objetos, num conjunto de livros, etc., instituindo um modo de controle sobre coisas listadas. Eco (2010) discorda de Belknap (2000) sobre a questão da referencialidade, ao dizer que a interpretação do leitor pode chegar a outros níveis de leitura que se interpõem nos itens listados (ECO, 2010, p. 116). De certo modo, é notório nos argumentos alguns resquícios de suas reflexões no início da carreira, especialmente na publicação *Obra aberta* (1962), quando a intencionalidade interpretativa ficava mais em evidência do que as restrições do texto. Por outro lado, Eco (2010) tem ciência de que sua antologia ainda necessita de complementos, de mais estudos e de um “*et cetera*” para compreender melhor a função do leitor e o seu controle sobre as listas:

[...] nunca havia, porém, me proposto a fazer o registro metuculoso dos casos em que as listas aparecem na história da literatura [...]. O resultado desta caçada foi prodigioso, de dar vertigem [...]. Os poucos livros dedicados à poética da lista se limitam prudentemente às listas verbais, pois é árduo explicar de que maneira um quadro pode apresentar coisas e ao mesmo tempo sugerir um “*et cetera*”, como quem admite que os

limites da moldura o obrigaram a calar um resto imenso (ECO, 2010, p. 7, destaque do autor).

No último capítulo de *Confissões de um jovem romancista*, Eco (2013a) desenvolve mais detidamente a relação entre listas práticas e listas poéticas como uma forma de revisão da pesquisa feita antes em *A vertigem das listas*. O primeiro conceito procura entender as listas criadas sem uma finalidade artística, estética ou poética, e o segundo conceito busca dar ênfase às listas que possuem essas características (ECO, 2013a, p. 109-112). Os conceitos tratam com mais detalhes da questão do controle do leitor sobre as listas: de modo a não se produzir uma enumeração caótica, o processo é algo arenoso para o leitor, ainda que existam sentidos lógicos que escapam às formas que ele queira dar para a leitura e a interpretação. Em um tom mais pessoal nessa obra, por outro lado, o autor também associa a teoria das listas com sua própria vida de acadêmico, suas escolhas na literatura que produziu e leu, e suas seleções com a leitura diversa de muitas obras, salientando não só os indícios de um extenso saber listado ao longo de anos de estudos, mas também uma paixão por sua coleção de livros, como um exercício colocado no texto para instigar o leitor a compor suas próprias listas.

Com *Listas extraordinárias*, Shaun Usher (2016) traz também uma grande compilação de listagens, o que inclui coleções de livros, acervo de autores famosos, sugestões de leituras, nomes de personagens, etc. Vemos uma grande gama de exemplos de listas de personalidades como: Georges Perec, Johnny Cash, George Washington e Galileu Galilei, que compõem essa antologia. Próximo a isso, apesar de não ter elaborado um texto teórico específico sobre o assunto, Usher elucida na apresentação de sua obra as razões que nos levam a fazer listas, sendo estas um método ou uma busca de organização da vida:

Para explicar melhor nossa dependência das listas, parece-me oportuno enumerar os motivos:

1. A vida é caótica – muitas vezes, insuportavelmente caótica. A capacidade de organizar parte desse caos em listas, de tornar a situação sustentável, pode proporcionar um alívio muito bem-vindo.
2. Nós, humanos, temos medo do desconhecido e por isso precisamos realmente rotular e agrupar as coisas em listas que nos tranquilizam.
3. As listas podem nos tornar mais produtivos e acabar com a procrastinação. Nada no mundo, com exceção da aposentadoria,

é tão eficaz quanto uma lista de afazeres para romper a névoa espessa de uma quantidade de trabalho assustadora.

4. Todos nós somos críticos. Classificar as coisas – da melhor à pior, da maior à menor, da mais rápida à mais lenta – pode ser viciante, sem dúvida porque faz com que nos sintamos muito inteligentes.
5. O tempo é precioso. Confiando um monte de informações monótonas as listas facilmente digeríveis, temos mais tempo para nos divertir e fazer listas (USHER, 2016, p. 14).

O que Usher (2016) mostra de representativo e diferente, em comparação com Eco (2010), por exemplo, é a imagem “clássica” da lista, a disposta em tópicos, sequenciada de item a item, mesmo que em alguns casos haja frases e descrições. Por causa da seleção feita, essa estrutura da lista indica ser a sua forma mais imediata, e que não tem apresentado grandes mutações: desde uma série de justificativas de faltas ao trabalho no Antigo Egito em 1250 a. C. (USHER, 2016, p. 89-93), até os mandamentos de Christopher Hitchens em 2010 (USHER, 2016, p. 193), a topicalização se mantém.

Ao recortar o compilado de listas escritas por autores de literatura, podemos promover uma discussão sobre a

lista como um gênero literário. De certa maneira, Belknap (2004) apresentou ideias a respeito já em *The List*, por estudar os trabalhos de Ralph Waldo Emerson, Walt Whitman, Herman Melville e Henry David Thoreau. E mesmo Eco (2010) elencou tal perspectiva ao selecionar e comentar em um recorte de longa temporalidade obras de Homero a Italo Calvino. Contudo, Usher (2016) conduziu a questão de forma mais evidente e ampliada por apresentar de vários modos como a construção estética de uma lista pode existir, especialmente em Georges Perec, a quem o organizador muito recorre para exemplificar esse tratamento com o gênero. O autor francês realizou experimentações escritas muito próximas às noções de sequência e topicalização ao publicar *As coisas* (2012), *Tentativa de esgotamento de um local parisiense* (2016), *A vida, modo de usar* (2009), *A coleção particular* (2005), e principalmente *Penser/Classer* (2015), para expor suas ideias sobre classificações e organizações por meio de listagens. Porém, sabendo que os estudos literários cogitam uma complexidade elevada sobre o tema, nota-se que:

Num plano mais especificamente literário, o debate sobre os gêneros encontra-se ligado a conceitos como os de tradição e mudança literárias, imitação e originalidade, modelos, regras e liberdade criadora, e à correlação entre estruturas estilístico-formais e estruturas semânticas e temáticas, entre classes

de textos e classes de leitores, etc. (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 339-340).

Não é possível desvincular a discussão quando Perec manifesta sua “Tentativa de inventário dos alimentos líquidos e sólidos ingeridos por mim no decorrer do ano de mil novecentos e setenta e quatro” (PEREC, 1974 apud USHER, 2016, p. 21-25), fornecendo uma atividade bastante detalhista sobre uma grande sequência de itens, e incorporando a isso originalidade, liberdade criadora, estruturas estilístico-formais e classes de leitores. A situação se repete quando Usher (2016) apresenta as listas de Robert Heinlein, Roald Dahl, Jack Kerouac, Charles Dickens, Henry Miller, Ernest Hemingway, Jorge Luis Borges e Italo Calvino, por exemplo. Essas produções listadas atendem ao conceito de gênero como “um conjunto sistêmico de processos construtivos, quer a nível temático, quer a nível técnico-formal, manifestando-se tais caracteres [...] como os processos *dominantes* na criação da obra literária” (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 371, destaque do autor).

Ademais, o que Usher (2016) registra nesse contexto é a existência de uma carga de invisibilidade da lista como um gênero literário, que tem restringido talvez uma visão crítica e menos atenta às suas funções na escrita porque,

em contrapartida, a própria utilidade das listas cotidianamente já recebe uma consideração efêmera, se lembrarmos daquelas sem um efeito estético; e também porque outros gêneros mais reconhecidos na literatura ganham maior apreço. Ainda assim, alguma mudança de paradigma ocorre:

Os fenômenos da decomposição e da emergência dos gêneros estão correlacionados com a dinâmica do sistema literário e com a dinâmica do sistema social [...]. Algumas vezes, os gêneros hegemônicos entram numa fase de obsolescência, cultivados por *epígonos* docilmente obedientes às regras e aos modelos estabelecidos; outras vezes, em períodos de profundas modificações do sistema literário, podem verificar-se a extinção dos gêneros elevados [...], a *canonização* dos chamados gêneros inferiores, que afluem da periferia ao núcleo do sistema, a integração no sistema literário de certas classes de textos que anteriormente não possuíam um estatuto literário, originando-se assim aqueles gêneros que Jakobson classifica como *gêneros transicionais*, ou ainda a influência de gêneros considerados como inferiores em gêneros valorados como superiores [...] (AGUIAR E SILVA, 2007, p. 372, destaques do autor).

Não simplificando a discussão, imaginamos que não há ainda alguma influência modificadora que vá deslocar as listas literárias para o centro dos estudos literários, mas

as noções levantadas e os argumentos relacionados aqui parecem mostrar que este gênero ainda permanece invisível em certos aspectos.

O primeiro trabalho que observamos ter maior proximidade com as listas literárias no Brasil é *As ironias da ordem*, de Maria Esther Maciel (2009). A autora pesquisa o caráter enciclopédico, as formas de ordem, os arquivos e as classificações nas obras de Arthur Bispo do Rosário, Dante Alighieri, Jorge Luis Borges, James Joyce, Peter Greenaway, Carlos Drummond de Andrade, Eduardo Coutinho e Haroldo de Campos. Apoiada em *Penser/Classer*, de Perec, Maciel (2009, p. 14-20) enfatiza que a maneira de se organizarem objetos, coisas e seres em textos afeta uma necessidade humana de querer controlar o inclassificável, de catalogar, e de gerar seleções e combinações para constituir identidades taxonômicas. A lista, para a autora, é uma ferramenta de configuração desse processo: “A lista, por sua vez, é o princípio constitutivo do inventário e do catálogo, além de manter um estreito parentesco com a coleção, dado ao caráter serial que a atravessa, podendo ainda ser considerada o ponto de partida para a configuração da ordem enciclopédica” (MACIEL, 2009, p. 28). Na literatura, aliás, a lista transformaria formas de escrita já determinadas: “Na esfera da criação literária, a função burocrática que a lista adquiriu

ao longo dos tempos é minada pelo fato de ela se desviar da ordem hierárquica para entrar na esfera do arbitrário, do subjetivo e do conjetural” (MACIEL, 2009, p. 29). Maciel ainda depreende que não há como desassociar as listagens de outras classificações para desenvolver um certo estado de ordem, registrar diferenças ou também apresentar semelhanças entre itens listados:

Enciclopédias, coleções, listas e inventários são, portanto, indissociáveis e se entrelaçam de maneira intrínseca, não obstante suas diferenças enquanto procedimentos de classificação. Se a lista significa uma relação de nomes de pessoas e coisas, circunscrevendo-se predominantemente à esfera da palavra, da inscrição simbólica, o inventário é mais genérico, por abranger tanto os nomes quanto as coisas, constituindo uma espécie de levantamento exaustivo dos itens que integram um dado conjunto ou acervo. Já a coleção é uma forma mais específica de ajuntamento, por incluir itens que mantêm necessariamente uma relação entre si, dado que são objetos da mesma natureza ou de características afins. O inventário pode incluir listas e coleções. Coleções e inventários podem ser transcritos em listas, adquirindo formas de catálogo, cadastros e fichários. Listas podem compor uma coleção de palavras. E a enciclopédia é o território por excelência desse conjunto de dispositivos taxonômicos. Todos eles, de caráter móvel e intercambiável, indiciam a diversidade de formas com que

buscamos organizar a ordem desordenada da vida (MACIEL, 2009, p. 30).

Vemos assim que a autora corrobora indiretamente as relações da lista com outros meios, comprovando sua proximidade intrínseca com áreas da literatura e com outras não literárias. Quando o trabalho de Maciel (2009) trata da subjetividade que as listas podem desvelar na literatura e as conexões do gênero em vários espaços, a autora sinaliza a parcialidade que invariavelmente fundamenta todas as listagens. Belknap (2004, p. xiv-xv) também observa que, além de isso ser característico da língua/linguagem, essa reflexão já está presente em diversas áreas; porém, o autor reúne especificamente a essa parcialidade a motivação dos que fazem as listas, aspecto que o leitor pode considerar na figuração dos itens. Em Eco (2010, p. 133-137 e p. 321-327), a parcialidade aparece como um efeito textual da lista e/ou quando ocorre uma notória homogeneidade entre os objetos escolhidos; traço que, para o autor, contribui para a identificação do quão parcial o construtor da lista foi. Já Usher (2016, p. 27) discorre sobre isso quando apresenta a lista de Evelyn Lincoln, secretária presidencial norte-americana que escreveu os nomes dos possíveis assassinos de John F. Kennedy em 1963: figuras adversárias da política ficaram em segundo plano naquele momento, ao passo que, para ela, os

principais suspeitos eram pessoas próximas à vítima. Assim, a parcialidade conduz essencialmente a existência da lista. Suas funções sociais e objetivos de uso dependem disso. E o leitor, ou a pessoa com quem a lista entra em contato, sempre percebe esse elemento, tanto em um catálogo de produtos de supermercado quanto em grandes compilações.

O segundo trabalho a ter essa proposta de investigação sobre as listas no país é “Percurso crítico-teórico das listas na literatura”, ensaio de Luiz Fernando Ferreira Sá (2020). O autor, se valendo também de uma revisão crítica sobre o tema, elenca as principais obras que comentamos, mas também outras importantes, como a de Sophie Milcent-Lawson, Michelle Lecolle e Raymond Michel (2013), *Liste et effet liste en littérature*, para discorrer a respeito das séries taxonômicas do literário, uma vez que:

[...] as listas ou séries tornam-se espaços enunciativos e discursivos que perpassam as temáticas relacionadas aos impulsos de ordenação e/ou criação de mundos, tais como: a) a experimentação enciclopédica; b) as poéticas da lista c) as poéticas do inclassificável; d) os espaços de descontrole; e) os novos horizontes de sentido; f) os processos de arquivamento, desarquivamento e mal de arquivo nas listas; e g) os novos espaços da lista na literatura (SÁ, 2020, p. 173).

Sá (2020, p. 174) esclarece que há um processo gradual para se identificarem listagens e, concomitantemente, a textualidade que abordam (discursos, enunciados, temas, etc.). A sensibilidade do leitor nesse contexto teria a função de apreender os movimentos das listas desde uma descrição mais elementar até a elaboração de uma metáfora complexa. Mas na prática da leitura estaria incluída também alguma desordem inerente aos itens listados, o que afeta novamente o controle do leitor em querer estruturar de modo lógico os componentes integrantes de tal lista. No caminho cruzado entre sujeito (quem lê a lista) e objeto (a lista lida), o autor argumenta a favor da potência multifacetada dos textos que possuem listagens e da necessidade de o leitor saber lidar com as categorias ali presentes: “a lista é particularmente adequada ao combate contra o esquecimento, e a favor de que a fantasia do caos total permaneça um horizonte não cumprido” (SÁ, 2020, p. 179).

Em Maciel (2009) e Sá (2020) temos alguns pontos convergentes para se pensarem a lista e sua relação com a leitura literária: não somente pela visualização de listagens nos textos, a organização dada se transfere também para alguma manifestação das listas em um espaço extratextual, ou seja, em ambientes não propriamente ficcionais mas que ainda estejam ligados à literatura, em

especial aos livros e aos autores. A seleção configurada, a ordem de leitura e o conjunto resultante apreendido posteriormente pelo leitor das informações acontecem por causa das listas geradas antes, quando houve o contato com a ficção. Como já foi indicado por alguns exemplos que extraímos de Usher (2016), seria pouco produtivo para a análise do objeto (as listagens) desvincular talvez os dois meios em que as listas estão, isso porque as interferências e as influências daquilo que é colocado dentro de um texto e fora dele se manifestam de forma explícita numa leitura atenta: Périclides indica ter produzido muitos livros de listas devido à sua leitura de muitos materiais assim. Então, verificada a distinção entre essas duas esferas, mas deixando registrados os seus atos complementares, cabe o reforço de que o leitor também lida com as (des)continuidades dos livros/autores pela necessidade de também querer conservar de modo ordenado alguma desordem literária.

No conjunto dessas pesquisas, um último ponto relevante que se sobressai é a imagem do livro que sugere a leitura de várias obras, ou seja, o livro de lista, e estritamente o livro de lista literária que contém trechos ou faz referência a autores – até mesmo os trabalhos de Belknap (2004), Eco (2010) e Usher (2016) aludem a esse objeto – dando foco ao pensamento sobre a difusão da

literatura, sobre como e por que uma lista seleciona itens a serem recomendados e lidos, e sobre o resultado disso em um vasto contexto histórico de produção de ficções, dos estudos críticos acerca dessas obras, e do mercado/consumo dos livros. A escolha sobre o que se pode/deve sugerir/ler, por fim, formata a lista literária como um artefato baseado em publicações consagradas, autores de renome e passagens literárias muito reconhecidas, que trazem diferentes modos de recepção para os livros de listas à disposição dos leitores. Assim, diversas áreas do conhecimento também produzem obras que organizam e indicam livros não só de ficção, mas também de filosofia, sociologia, história, política e ciências em geral, com permanência de uma estrutura de reuniões de autores e livros reconhecidos, concebidas por meio de resenhas ou comentários que buscam chamar a atenção do leitor.

#### REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M.. **Teoria da literatura**. 8. ed. 16. reimp. Coimbra: Almedina, 2007.

AZEVEDO, F. F. S. **Dicionário analógico da língua portuguesa**: ideias afins/Thesaurus. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

AZEVEDO, F. F. S. **Thesaurus essencial**. Dicionário analógico. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

BELKNAP, R. E. The Literary List: A Survey of its Uses and Deployments. **Literary Imagination** – The Review of The Association of Literary Scholars and Critics, v. 15, n. 1, p. 35-54, dez. 2000. Disponível em: <<https://academic.oup.com/litimag/article-abstract/2/1/35/949255?redirectedFrom=PDF>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BELKNAP, R. E. **The list**: the uses and pleasures of cataloguing. New Haven: Yale University Press, 2004.

BENJAMIN, W. **Rua de mão única** – Obras escolhidas, volume 2. Trad. Rubens Torres Filho e José Carlos Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Trad. Irene Aron e Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

BIDERMAN, M. A ciência da lexicografia. **Alfa**. 28 (supl.), p. 1-25, 1984. Disponível em: <<file:///C:/Users/notebook/Downloads/3676-9112-1-SM.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

BURKE, P. **Uma história social do conhecimento II**: Da enciclopédia à Wikipédia. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

CONSIDINE, J. (Ed.). **Adventuring in Dictionaires**: New Studies in the History of Lexicograph. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010.

COSTA, M.; ROCHA, R. Lista de discussão: uma perspectiva de aprendizagem além da sala de aula. In: SIMPÓSIO HIPERTEXTO E TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO – MODALIDADE E ENSINO. 2, 2008, **Anais eletrônicos**, Universidade Federal de Pernambuco, s/p. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/9344653-Lista-de-discussao-uma-perspectiva-de-aprendizagem-alem-da-sala-de-aula.html>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

DALMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. **Fake news** nas redes sociais **online**: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**. v. 18, n. 32, p. 155-169, jan. 2018. Disponível em: <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/mj/v18n32/v18n32a12.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

ECO, U. **A vertigem das listas**. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ECO, U. **Confissões de um jovem romancista**. Trad. Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013a.

ECO, U. **Da árvore ao labirinto**: estudos históricos sobre o signo e a interpretação. Trad. Maurício Santana Dias. Rio de Janeiro: Record, 2013b.

FAULSTICH, E.; OLIVEIRA, M. Para que serve um dicionário analógico? Um estudo de lexicografia comparativa. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES, 10, 2007, Brasília. **Anais...** Brasília: Instituto de Letras/Universidade de Brasília, 2007, p. 1-16. Disponível em: <<http://www.revisor10.com.br/24h/pessoa/temp/anexo/1/182/159.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

FISCHER, S. R. **História da escrita**. Trad. Mirna Pinsky. São Paulo: Unesp, 2009.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOODY, J. **A domesticação da mente selvagem**. Trad. Vera Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2012.

KENDALL, J. **The Man Who Made List**. Toronto: Berkley (TRD), 2008.

LISTA. In: HOUAISS, A. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010, p. 482

LODGE, D. **A arte da ficção**. Trad. Guilherme da Silva Braga. Porto Alegre: L&PM, 2017.

MACIEL, M. E. **As ironias da ordem**: coleções, inventários e enciclopédias ficcionais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gênero e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MCNAMARA, B. **Into the Final Frontier**: The Human Exploration of Space. Orlando: Brooks Cole, 2001.

MILCENT-LAWSON, S.; LECOLLE, M.; MICHEL, R. **Liste et effet liste en littérature**. Paris: Classiques Garnier, 2013.

PEREC, G. **Espèces d'espaces**. Paris: Galilée, 1974.

PEREC, G. **A coleção particular**. 2. ed. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

PEREC, G. **A vida, modo de usar**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PEREC, G. **As coisas**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

PEREC, G. **Pensar/Classer**. Toronto: Points, 2015.

PEREC, G. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense**. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2016.

SÁ, L. F. F. Percursos crítico-teóricos das listas na literatura. In: **FronteiraZ**. v. 1, n. 24, p. 166-181, jul. 2020. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/46192/32327>>. Acesso em: 15 fev. 2021.

SIGNORINI, I. (Org.). **Gêneros catalisadores**: letramento e formação do professor. São Paulo: Parábola, 2006.

SILVA, E.; FAGANELLO, E. Sequência didática. Gênero textual: lista. **Varal de atividades**, São Paulo, 2018. Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/eleuzialinsdasilva/1-sequencia-didtica-gnero-textual-lista-de-compras>, <https://pt.slideshare.net/eleuzialinsdasilva/2-sequencia-didtica-gnero-textual-lista> e <https://pt.slideshare.net/eleuzialinsdasilva/3-sequencia-didtica-gnero-textual-lista>>. Acesso em: 20 jan. 2020.

TRAGINO, A. **Listas literárias**: um estudo sobre as indicações da literatura brasileira. 2020. 205 f. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Programa de Pós-Graduação em Letras, ES. Disponível em: <[http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese\\_14180\\_Arnon%20-%20Tese.pdf](http://portais4.ufes.br/posgrad/teses/tese_14180_Arnon%20-%20Tese.pdf)>. Acesso em: 20 jan. 2021.

USHER, S. (Org.). **Listas extraordinárias**. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

*Recebido em: 23-03-2021.*

*Aceito em: 05-11-2021.*